

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MIRAILDES BELMONT DO SACRAMENTO SANTOS

CONTRIBUIÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NA LEGITIMAÇÃO DA
VIOLÊNCIA RELIGIOSA CONTRA AS MULHERES

São Leopoldo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MIRAILDES BELMONT DO SACRAMENTO SANTOS

CONTRIBUIÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NA LEGITIMAÇÃO DA
VIOLÊNCIA RELIGIOSA CONTRA AS MULHERES

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientador: Remí Klein

Segundo Examinador: Euclides Redin

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S194c Santos, Miraildes Belmont do Sacramento
Contribuição do discurso religioso na legitimação
da violência religiosa contra as mulheres / Miraildes
Belmont do Sacramento Santos ; orientador Remí Klein
; co-orientador Euclides Redin . – São Leopoldo :
EST/PPG, 2010.
50 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Violência contra as mulheres. 2. Mulheres no
cristianismo. 3. Mulheres e religião. I. Klein, Remí. II.
Redin, Euclides. III. Título.

MIRAILDES BELMONT DO SACRAMENTO SANTOS

CONTRIBUIÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NA LEGITIMAÇÃO DA
VIOLÊNCIA RELIGIOSA CONTRA AS MULHERES

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Data:

Remí Klein – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Euclides Redin – Doutor em Educação – Escola Superior de Teologia

RESUMO

A intenção desta pesquisa é sensibilizar as mulheres religiosas ou não do importante papel de conhecer os tipos de violência que contra elas possam ser acometidas no dia a dia. Outra proposta é refletir sobre seus direitos através da Lei Maria da Penha como forma de conquistar uma vida mais digna e mais saudável. Para isso se faz necessário saber o significado de alguns conceitos como: violência de gênero, feminismo, a mulher dentro da teologia feminista e as transformações que vem ocorrendo dentro de várias igrejas quanto ao papel da mulher. Acredito ser necessário que as nossas instituições religiosas visem uma formação de uma pastoral da mulher em uma perspectiva de “participação”, tendo como conceito de “participação” a mulher que não somente trata das questões matrimoniais sistematizadas e instaladas dentro das igrejas, mas também a mulher que através do ato de participação, envolve nas questões sociais, políticas, religiosas, éticas e estéticas de nossa sociedade. Desta forma, espera-se oferecer uma leitura mais consciente acerca do papel da mulher na sociedade e os discursos pregados e legitimados dentro de nossas instituições religiosas e na sociedade. Visamos, então, a auto-afirmação das mulheres como líderes, principalmente no campo eclesial.

Palavras-chave: Violência. Mulheres. Religião. Legitimação. Poder.

ABSTRACT

This research aims to sensitize the religious and not religious women about the important role of knowing the types of violence that may affect them in a daily basis. The other proposal is to reflect about their rights through *Maria da Penha's* Law as a way to achieve a more dignified and healthy life. In order to do so, it is necessary to know the meaning of some concepts such as gender violence, feminism, the woman within the Feminist Theology and the transformations that have been taking place in several churches concerning the role of women. I believe it is necessary that our religious institutions aim to create a pastoral service for women under the perspective of "participation", the concept of "participation" reveals the woman as the one who not only deals with the systematized matters related to marriage, which are installed in the churches, but also as the one who, through the act of participation, gets involved in social, political, religious, ethical and esthetic concerns in our society. Thus, we hope to be able to offer a conscious reading concerning the role of the woman in society and the discourses that are preached and legitimated within our religious institutions and in society. Then, we take aim at the women's self-affirmation as leaders, mainly in the ecclesiastical arena.

Keywords: Violence. Women. Religion. Legitimization. Power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 CONCEITOS DE VIOLÊNCIA RELIGIOSA, GÊNERO E FEMINISMO.....	9
1.1 Gênero.....	9
1.1.1 <i>Violências de gênero</i>	11
1.2 Feminismos em seu contexto histórico	15
1.3 A luta das mulheres pela cidadania	19
1.4 A luta da mulher pela igualdade na diferença, a partir da teologia feminista	21
2 A MULHER DENTRO DA RELIGIÃO E DA SIMBOLOGIA RELIGIOSA.....	23
2.1 As representações sociais da mulher como um ser maldito e inferior	23
2.2 O sacrifício na vida das mulheres como forma de obediência gerando instrumento de poder e dominação	23
2.3 Mulheres vítimas do poder dominador do machismo e do patriarcado pedem socorro!.....	27
2.4 A imagem e auto-imagem da mulher	29
3 A LEGITIMAÇÃO DA MULHER E SEU RECONHECIMENTO PELAS INSTITUIÇÕES ECLESIÁSTICAS AMPARADAS PELAS LEIS, PELOS DIREITOS HUMANOS E PELAS LEITURAS LIBERTÁRIAS DO DISCURSO CRISTOLÓGICO	31
3.1 O ministério da mulher a partir da experiência com Deus	31
3.1.1 <i>O ministério feminino nos tempos apostólicos</i>	33
3.1.2 <i>Mulheres que profetizam no Antigo Testamento</i>	35
3.1.3 <i>Mulheres no Novo Testamento</i>	35
3.1.4 <i>Mulheres importantes no período da monarquia</i>	36
3.2 A voz da mulher na igreja de hoje	37
3.3 A mulher virando a página com o apoio da lei Maria da Penha.....	40
3.4 Mulheres conquistando a liberdade	41
3.4.1 <i>A liderança da mulher na sociedade atual e na Bíblia</i>	42
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe discutir a violência religiosa que as mulheres sofrem silenciosamente no âmbito da Igreja. O termo violência, neste caso, não está sendo empregado para designar agressões físicas ou verbais, mas também aquelas que infligem valores éticos e morais do ser humano quando se trata da prática da desigualdade entre homens e mulheres, fato visivelmente percebido no meio eclesial, cuja principal vítima tem sido o público feminino, independentemente do grau de conhecimento de cada um. Entendemos que esses comportamentos contra as mulheres desconhecem e transgridem seus direitos, ferindo sua dignidade, tirando seu direito de expressão e impossibilitando-as de compartilharem do ministério para o qual forem chamadas! Entendo que a mulher tem os mesmos direitos de participar do ministério pastoral - e de outras determinações - tanto quanto o homem, desde que ambos se sintam capazes de exercerem seus ministérios com respeito mútuo e comportamento ético adequado, além de construírem direitos e deveres nas relações interpessoais reconhecidas por leis.

Quando esses direitos são violados através de violência que, nesse caso, não é a violência física, mas a ética, moral e psicológica, essa estrutura de fé, construída com o sentido de apoiar e de resgatar valores, perde seu sentido. Porque aquilo que se tem persuadido durante algum tempo vai perdendo a confiabilidade devido à falta de respeito com o diferente e, certamente, o foco é mudado, gerando muitos conflitos interiores na vida de muitas mulheres. O fato de a mulher não ter o mesmo reconhecimento que o homem não a torna inferior. Penso que ela só se sentirá inferior se não tiver amor próprio e coragem de virar a página de sua vida, transformando sofrimento em superação e acreditando que é capaz, pois Deus a criou para ser feliz.

As abordagens de gênero estão sendo colocadas para que haja uma desconstrução desta lógica androcêntrica de dominação simbólica nas relações sociais. A partir do comentário acima, busquei dissuadir estas idéias negativas acerca da mulher em três capítulos.

No primeiro capítulo, retrato acerca dos conceitos de gênero, violência de gênero e feminismo em seu contexto histórico.

No segundo capítulo, abordo a mulher dentro das representações sociais e da religião a partir da simbologia.

No terceiro capítulo, ressalto a importância da legitimação da mulher e seu reconhecimento dentro da sociedade e da comunidade eclesial.

Sendo assim, este trabalho encerra uma expectativa e um anseio que tenho, quanto à minha vida pastoral religiosa, levantando alguns questionamentos sobre minha própria prática e minha postura frente às realidades que tenho encontrado como pastora e como mulher.

1 CONCEITOS DE VIOLÊNCIA RELIGIOSA, GÊNERO E FEMINISMO

1.1 Gênero

O termo gênero foi introduzido por Joan Scott em meados do século XX, significando o [...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Para esta pensadora, o núcleo essencial dessa definição baseia-se na conexão integral entre duas posições: ser constitutivo de relações sociais e ser, também, uma forma de significar relações de poder.¹

As relações de gênero incorporam dimensões psicobiológicas das diferenças culturais entre o sexo masculino e o sexo feminino, ou seja, se o sexo é definido desde o nascimento, o gênero é algo construído através da socialização do indivíduo. Desse modo, Beauvoir estabelece a célebre frase ‘Não se nasce mulher, mas se torna mulher’, Essas palavras nos fazem refletir sobre o sentido das escolhas humanas e a real situação das mulheres segundo uma análise de gênero.

Observando esta frase, ela nos remete a uma reflexão acerca do que seja realmente “nascer mulher” e “tornar-se mulher”, o nascer mulher é renascer no entendimento e o torna-se mulher é acreditar nas novas possibilidades e em busca de cada uma delas vencendo o preconceito e o desrespeito a figura feminina *em função das diferenças entre os sexos. Refletindo, pois, sobre as razões históricas e os mitos que fundaram a sociedade patriarcal e a sustentam e que trataram a mulher como um “segundo sexo fragil”, silenciando-a e relegando-a para um lugar inferior ao homem.*

A mulher vem assumindo seu papel e ocupando seu espaço na sociedade oriunda do patriarcalismo e culturalmente escravizada e oprimida pelos desmandos de sua história. Acredito que, em meio a tantas diferenças colocadas entre homens e mulheres, ambos fazem parte de um mesmo mundo, com as mesmas necessidades relacionais e com os mesmos desejos de inter-relações entre os sexos, independentemente de raça e da cultura. Torna-se, uma maneira de indicar as construções culturais; interações sociais de ideias sobre os papéis adequados entre homens e mulheres. Trata-se de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas impostas sobre um corpo sexuado.

¹ SCOTT apud FAGUNDES, Tereza. *Sexualidade e gênero*. [s.l.:s.n], 2005. p. 10.

Gênero foi um conceito construído socialmente, procurando compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, e quais são as funções que ambos assumem na sociedade onde o preconceito é o fator principal dentro dessa relação de poder e opressão entre eles. Segundo Ivone Gebara,

[...] gênero é uma diferença entre uma multiplicidade de diferenças: diferenças entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres. E estas diferenças se cruzam com as diferenças de idade, de cultura, de religião e muitas outras.²

Simone Beauvoir considera “gênero um importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica”.

Falar de gênero é falar de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico de ser e, de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião diversas, cada qual com uma visão diferenciada.

Nesse sentido falar de gênero é pluralizar a diversidade cultural e social. Porém, a sociedade não se mostra despreendida de conceitos tradicionais incutidos nos corpos dos indivíduos a ponto de restabelecerem as igualdades.

Ivone Gebara retrata as questões da retomada da consciência, construções sociais e socioculturais de gênero, nas quais as mulheres que se mantinha em silêncio fizeram ouvir sua voz. Mulheres marginalizadas, excluídas do processo social e político mais amplo, tentam encontrar seu lugar e compreender melhor sua situação.

Bourdieu ressalta, também, que a construção social e simbólica de gênero é “[...] um trabalho de construção prática que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero”.³

Gênero é colocado por Bourdieu como uma construção sociocultural e política que implica nas representações e estereótipo de feminilidade e de masculinidade, bem como de modos. Ao homem estão associados a liberdade, a

² GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 105.

³ BOURDIEU apud FAGUNDES, Tereza. *Sexualidade e gênero*. [s.l.:s.n.], 2005. p. 10.

força, a virilidade e o controle das emoções. Trata-se de uma masculinidade hegemônica, em posição à feminilidade. A mulher é vista como o oposto do homem: frágil, sensível, cuidadosa com os filhos e a família. Baseando-nos nas idéias de Scott e Bourdieu, entendemos que a construção de gênero se dá através das representações e dos estereótipos quanto ao modo de ser entre homens e mulheres, sendo que o homem está na posição superior, “no poder”, e a mulher na inferior, “submissão”.

Ao conceito de gênero se imbricam de dominação e de poder. Na perspectiva de Foucault, o poder é “[...] uma rede de dispositivo ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa”. O poder é efetivado através do controle do corpo com vistas à obtenção da integração de pessoas “dóceis” e “úteis” a um determinado propósito.⁴

Essa condição que foi outorgada pela sociedade e pela cultura machista, dando poderes ao homem de oprimir a mulher é algo que as mulheres vêm, há muito tempo, lutando para ser entendido e repensado. Porque homens e mulheres, segundo a constituição, são seres que precisam ser tratados de igual para igual. Essa frase muito conhecida, “mulher é um sexo frágil”, caiu no senso comum, mas não passa de mito. A força da mulher não é física, mas racional, moral e sentimental capaz de vencer as intolerâncias.

1.1.1 Violências de gênero

A violência de gênero tem feito ainda muitas vítimas devido à falta de conhecimento e ao medo de denunciar os agressores. Porque a violência não é só a agressão física, mas a agressão verbal, ética, religiosa, moral, etc. Uma parte significativa das agressões ocorre na esfera da vida privada e os agressores são quase sempre maridos, companheiros, namorados e até líderes religiosos que se auto-intitula homens de Deus, tomando por base o texto bíblico de Efésios 5.22-24: “mulheres, sujeitai-vos cada uma a vossos maridos, como ao Senhor [...]”.

Violência se entende, normalmente, como uso de força bruta, mas igualmente como ação contra o direito e a justiça. Por ocasião do Jubileu de Ouro de nossa Amparo Maternal, em fins de dezembro de 1989, a fundadora, Irmã Domineuc, pediu para dizer uma palavra em público. Coisa rara para quem nunca recusou a ação em defesa da mulher, mas sempre se refugiou no silêncio e na oração diante de todas as violências que

⁴ FOUCAULT apud FAGUNDES, Tereza. *Sexualidade e gênero*. [s.l.:s.n], 2005. p. 11-12.

presenciava. “Quero pedir a todos que não deixem a mulher casar sem amor. O lar será infeliz e o perigo do aborto, constante!”⁵

A violência contra a mulher começa ainda na infância com os ensinamentos machistas patriarcais dados pelos pais, chegando à adolescência e perpassando para o casamento, que muitas vezes se dá de maneira precoce, sem amor e sob pressão, tanto do lado dos pais como do lado da Igreja, que está sempre a cobrar a união dos jovens para evitar o suposto “pecado”, sem ter dado o amadurecimento necessário e, ao menos, o conhecimento do casal.

Por um lado, a violência é frequente por ser de gênero, e por se tratar da submissão da mulher, o que se tem criticado muito, mas ainda prevalece entre homens e mulheres. A violência é algo visto como problema individual de cada casal, e não como problema social e de saúde pública. A violência de gênero tem ser realmente tratada como problema de saúde pública e acredito que só dessa maneira que as mulheres vão vencer esse desafio. A violência doméstica foi algo muito presente na minha vida. Hoje não é diferente; já sentir na pele o desabou da violência físicas e psicológica. Acredito que tudo que exeperienciei acabou mim ajudando a ajudar outras mulheres que vivem muitas situações parecidas com as que eu já vivenciei. Isto mim dá força para continuar lutando.

Muitos não reconhecem a violência de gênero como uma transgressão dos direitos e da dignidade da mulher. E julgam condenando, assinando e sentenciando a mulher como culpada de sua própria agressão. Muitas dessas situações vêm acompanhadas dos vícios como: Uso de bebidas alcoólicas, drogas e desequilíbrio psicológico.

Muitas vezes, a mulher busca a ajuda de seus líderes religiosos, e a resposta, muitas vezes, recebida é que ela não deve denunciar apenas orar, rezar, etc.; toda essa situação vai passar; a família não pode ser destruída; essa atitude pode desagradar a Deus. E a partir daí vem àquela linda frase que não passa de utopia: “pois aquilo que Deus uniu ninguém separa”. Essa frase eu já ouvir muitas vezes e hoje como Pastora lembro sempre para as mulheres que elas devem procurar se ajuda e denunciar sim! Porque um dia eu ouvir essas frases indecentes, e a minha oração foi está “ Deus mim dei força e coragem para eu poder dá um basta nessa situação” e virá o jogo.foi o que eu fiz! E digo para todas as mulheres

⁵ ARNS, Paulo Evaristo. *Mulher: quem és tu? Que procuras? Aparecida: Santuário*, 1990. p. 55.

que vale apenas virá o jogo e se amar, porque se nos mulheres não nos valorizarmos e nos respeitarmos, fica difícil receber o respeito do outro.

A violência de gênero se dá paulatinamente e com um índice de frequência altíssimo. Muitos entendem que o papel da mulher é a de submissão total. Até mesmo as mulheres que se dizem livres em seu pensamento não escapam do machismo, pois é algo que já foi estabelecido em seu inconsciente.

Por exemplo, os filhos de hoje continuam sendo educados dentro de uma concepção que estabelece valores específicos para meninas e meninos (mulher e homem); o senso comum concorda que os homens são mais fortes, e não devem chorar, e que eles têm que pensar diferentemente das mulheres ("respaldados" por diferenças na formação neurológica) e assim por diante; já as mulheres são consideradas sensíveis, frágeis, pensam de outra forma segundo o senso comum, etc., como se homens e mulheres não tivessem sentimentos e o homem fosse super-herói, estando acima do bem e do mal.

Esse tipo de educação estritamente realizado em divisórias, masculina e feminina, é a própria afirmação mitológica mantida pela sociedade que insiste nos ensinamentos machistas que vêm do patriarcalismo histórico. A partir daí, mesmo a mulher conquistando seus espaços, ela é vista pela sociedade como objeto de prazer e subordinação a ser manipulado pelo sexo oposto.

A partir daí, entra a violência em seu aspecto deprimente contra as mulheres. Violência essa que tem significados diversos e poder de destruição devastadora, imposta por quem detém o poder através da força física, psicológica, moral, ética, estrutural e intelectual. Todas essas implicam a outra pessoa a fazer algo que não está com vontade. Violência também é constranger, incomodar ou impedir a outra pessoa de manifestar suas vontades, sob pena de viver gravemente ameaçado ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem a seu domínio, é uma forma de violação dos direitos essenciais do outro.

A violência contra a mulher é ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, estrutural, sexual ou psicológico, dano moral ou ético. A violência estrutural e religiosa tem as seguintes características:

1) Violência estrutural

- As vítimas podem ser indivíduos ou grupos dentro da coletividade;
- As autoridades podem mudar.

2) Violência religiosa

- Considerar as mulheres como inferiores e justificar isso usando a Bíblia ou tradição religiosa;
- Culpar as mulheres pelo mal e pela morte ou a causa do pecado;
- Usar as cerimônias matrimoniais para afirmar a supremacia masculina e a submissão das mulheres;
- Não permitir às mulheres a participação plena e ativa da vida religiosa e desqualificá-las em sua atuação religiosa e vivência de fé;
- Fazer uso de textos bíblicos específicos para desqualificar ou impedir a participação religiosa plena, negando às mulheres a potencialidade de participação no discipulado;
- Fazer uso de linguagem discriminatória, em que as mulheres não estão incluídas;
- Estabelecer normas éticas e morais que limitam a vida das mulheres, estabelecendo critérios de conduta diferenciados para homens e mulheres;
- Ser discriminada por estar divorciada, ou por ser mãe sem ser casada;
- Ser induzida a silenciar sobre a situação de violência e não receber acompanhamento pastoral adequado em situações de violência.

Não basta a revolução feminina ter marcado o século XX. O significativo avanço feminino em várias áreas e setores não consegue encobrir a mais cruel seqüela da discriminação: a violência doméstica. Ainda que o momento não comporte uma análise mais apurada sobre as causas de o amor gera dor, é inquestionável que a ideologia patriarcal ainda subsiste e leva o homem a ter-se como proprietário do corpo e da vontade da mulher e dos seus filhos. Essa errônea consciência de uma situação de poder é que assegura o suposto direito de o macho fazer uso de sua superioridade corporal e força física sobre a fêmea.⁶

Para a mulher, sempre coube a direção da família, enquanto ao homem coube o espaço público. A partir daí, é construído dois mundos: um de dominador e produtor, outro de dominada, reprodutora e submissa. A distinção entre os papéis estabelecia o homem como provedor e a mulher como cuidadora da família e do lar. O papel imposto pela sociedade ao macho é o de paternalista, exigindo da fêmea uma posição de submissão.

Trata-se de uma submissão incessante de reprodução e recriação de estruturas objetivas e subjetivas de dominação, para a qual contribuem agentes

⁶ BERENICE Maria Dias. Ainda a violência. In. BAESKE, Sibyla. *Mulheres desafiam as Igrejas Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 89.

específicos, entre os quais os homens, com suas armas, para que possam gerar a violência física e simbólica.

Entendo que, independentemente da construção sociocultural de cada indivíduo, de suas representações estereotipadas de feminilidade e de masculinidade, e de seus comportamentos e hábitos, independentemente de serem feminina e masculina, suas disposições para dominar ou ser dominado são as mesmas.

A violência simbólica é expressa por meio de signos, ritos, palavras; nesse caso, especificadamente, abordaremos a linguagem religiosa como produtora de violência nas relações sociais de sexo. Se a linguagem, como produção humana de significados despenha funções sociais de dominação, legitimação e coerção, quando denominada e instituída como sagrada, adquire valor significativo para o sujeito religioso.⁷

A violência simbólica caracteriza-se por ser uma violência sutil e sorrateira, que atua por meio das relações internas de um grupo, entre pessoas ou comunidades e se processa sempre a partir de um discurso petulante de não agressão à mulher.

A violência simbólica se firma na produção de crenças no processo de socialização, que leva o indivíduo a se descobrir e a analisar o mundo de acordo com critérios e padrões definidos por alguém. Trata-se da construção de crenças coletivas e faz parte do discurso dominante.

Como exemplos de violência simbólica fomentados pela religião, podemos citar o machismo, a submissão da mulher perante o homem, diante da visão patriarcal, o preconceito contra a mulher, racismo, escravidão e o preconceito contra a mulher no Ministério Pastoral.

1.2 Feminismos em seu contexto histórico

O feminismo é um movimento oriundo do ano de 1848, que se deu na convenção dos direitos das mulheres em Nova Iorque. A partir daí, o movimento adquiriu força e revolucionou com o lema igualdade, liberdade, fraternidade. As feministas acreditavam fielmente que seus direitos sociais e políticos certamente seriam atendidos, devido a suas reivindicações enquanto cidadãs. Algumas

⁷ GIRARD René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP/Paz e Vida, 1990. p. 391.

conquistas podem ser registradas como consequência da participação da mulher nesta revolução, um exemplo é o divórcio.

Os movimentos feministas são, sobretudo, movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, e garantir a participação das mulheres na sociedade de forma intercambiável à dos homens. No que se refere a seus direitos, não deve haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas.

O movimento feminista conseguiu questionar leis e costumes, introduzir novas legislações, novas formas de linguagem, assim como abrir novos referenciais teóricos e práticos em vista de uma convivência baseada na justiça e na igualdade. Estes dois últimos valores são redefinidos a partir de uma crítica aos sistemas hierárquicos vigentes. Não se trata de qualquer justiça ou de qualquer igualdade ou qualquer modelo. Por isso, as conquistas feministas vão além do âmbito da cultura propriamente dita para estenderem-se ao conjunto das relações sociais, econômicas e políticas.⁸

O feminismo traz essa visão que estava oculta e nos faz compreender porque nosso ser se tornou tão maldito, pequeno, desvalorizado e desrespeitado, e porque somos portadoras de uma variante do mal humano que torna sua irracionalidade ainda mais impressionante. As mulheres são vítimas de uma violência particular é uma constatação cotidiana e vista como algo comum.

Muitas delas tiveram seus corpos transformados em alvos nas guerras, e violentados quando sofrem desrespeito com palavras mal interpretadas. É preciso que as mulheres passem a se valorizar, mostrando que não são objeto e que elas não são inferiores por serem mulheres, embora muitas acreditem que são inferiores. Essas questões de inferioridades estão legitimadas pela cultura.

A dominação de seus corpos associada às cumplicidades das estruturas sociais e comportamentais apresentadas perante os tristes quadros que são saber o porquê de nossos corpos servirem de alvo de constantes ataques e desejos violentos de vingança, posse, conquista, de exclusão. Qual será o ponto fraco que atrai e desencadeia a violência contra as mulheres? O que há em nós que suscita a violência contra a nós mesma?

⁸ GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 154.

Na perspectiva feminista, Gebara entende que a afirmação da diferença, necessária à manutenção de toda vida, também pode ser a afirmação de um estado de relações injustas, produtoras e geradoras de violência. As historiografias das mulheres reúnem elementos importantes que mostram a mulher e suas características próprias. Uma delas é ler e compreender a Palavra e interiorizar de um modo particular, gerando uma especificidade espiritualista e fecunda, o nascimento de uma fé racionalmente teológica.

Porém, a mulher que se encontra em posição de vulnerabilidade, marginalizada, recebe o conhecimento da palavra de uma forma transformadora e, a partir daí, interioriza esse entendimento de maneira revigoradora dando-lhe forças para continuar em luta incessante, em seus trabalhos diários como cuidar da casa, dos afazeres domésticos e dos filhos. Retratar o cotidiano das mulheres e dos homens, que sobrevivem às necessidades que fazem parte da vida, e das questões econômicas e políticas de fatos que vivenciam nos lares e refletem no interpessoal e comunitário é um trabalho com que o feminismo se ocupou.

A teologia feminista nasce após os anos do pós-guerra, como reação às abstrações de certa teologia neo-escolástica, e se coloca frente aos problemas emergentes. Para lembrar, as mais conhecidas e as melhores formas elaboradas pela teologia do genitivo são teologias chamadas de “setoriais” e servem para dar concretude ao discurso teológico. Elas são, de alguma forma, multiplicadoras que se adéquam sob o aspecto metodológico, apropriando-se do campo de pesquisa e de práticas teológicas.

Através da teologia feminista, as mulheres resolvem ser sujeito de sua própria experiência de fé e de suas práticas reflexivas, antes podadas devido à vinculação entre a cultura e a *ecclesia*. A teologia feminista introduz na vida das mulheres, através da hermenêutica, as experiências de fé adquiridas e embasadas nos textos bíblicos, levando-as a refletirem e formularem novas expressões de encorajamento rumo a uma teologia cristã igualitária para mulheres e homens.

O feminismo, portanto, vem criticando vigorosamente todas as instituições que exploram as mulheres, as estereotipam, as mantêm em posições inferiores. Neste contexto, a análise feminista assimila que o cristianismo teve não apenas uma influência na elaboração da cultura ocidental e da ideologia sexista, mas também que as igrejas e teologia cristãs ainda perpetuam a “mística feminina” e a inferioridade da mulher, por meio de suas desigualdades institucionais e das justificações teológicas da diferença

inata das mulheres em relação aos homens. A ética cristã intensifica a interiorização do que é o feminino, das atitudes passivas, por exemplo, a ternura, humildade, a submissão, a abnegação, o amor abnegado, que impedem o desenvolvimento da auto-afirmação e da autonomia, para as mulheres. O pretenso 'voluntarismo' da submissão imposta, no patriarcado cristão, fez voltarem-se as mulheres contra si próprias, mais que nunca, mascarando e reforçando o processo de interiorização.⁹

Mediante tantas situações desrespeitosas, o feminismo vem tentando alertar as mulheres acerca de seus respectivos valores e autovalorização da vida, tanto em grupo quanto individualmente. O feminismo tem assinalado as necessidades das mulheres e sua capacidade de autossustentação autônoma, livres e capazes de serem responsáveis por sua própria vida.

O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico. Saindo de seu isolamento, rompendo seu silêncio, através de movimentos que se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais.

Esta complementação não implica em uma fusão de tais movimentos, que mantêm sua autonomia e suas formas próprias de organização. Entretanto, não são movimentos desvinculados entre si, pois as fontes da discriminação não são isoladas. Existem, nesse sentido, conexões significativas entre tais movimentos, que se somam na busca de uma nova sociedade.

O feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. A mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Quando se falava de liberdade logo se pensava primeiramente: ser homem é não mulher, ser livre é não ser escravo. A afirmação de Platão expressa bem esta realidade: "Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho".

As mulheres na história sempre foram desvalorizadas e apagadas de seus direitos e de seus interesses, elas sempre foram vistas apenas como reprodutoras e boas serviçais. Os movimentos das mulheres, mesmo sendo minoritário, não

⁹ FIORENZA, Elizabeth S. *Discipulado de iguais: uma ekklesio-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 70-71.

aceitam mais ser ignorados pelo poder político, econômico e social. Elas exigem serem tratadas em igualdade e serem criticadas e observadas com respeito.

No jornal do Brasil, publicado em 4 de abril de 1982, encontramos uma reportagem com o título assim: “ Feminismo militante – excesso de entidades, carência de filiais”. A matéria apresentava uma síntese do que poderíamos chamar de “árvore genealógica” do feminismo no Brasil.¹⁰

O feminismo brasileiro teve um grande marco em 8 de março de 1975, quando grandes questões foram debatidas pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) a respeito das mulheres.

Muitas propostas foram dissuadidas, embora muitas delas fossem positivas para as mulheres. Todavia, o Movimento Feminista trouxe consigo certo desconforto de ressentimentos contra a sociedade machista que tinha uma visão negativa e inferiorizante da mulher. Mesmo em meio a tantas discriminações, as mulheres, através de muitas lutas, conseguiram o direito de votar, de trabalhar fora e reivindicar seus direitos trabalhistas e democráticos.

A participação das mulheres tem crescido em todos os países do mundo e, particularmente, na América Latina. Em 2002, em Brasília, foram comemorados os 70 anos do voto feminino no Brasil. As mulheres, por meio de plataformas políticas, vêm tentando modificar o cenário triste, através de políticas educacionais e democráticas para novas relações.

1.3 A luta das mulheres pela cidadania

Entretanto, o estudo numa perspectiva histórica permite constatar que seu significado não obedece a uma linearidade, ao contrário, sofrer variações, que, em determinados contextos, pode relacioná-la mais ao sentido de direitos, em outros, de obrigações, como no Estado absolutista. A partir do século XVIII, sob a influência do liberalismo, a cidadania vai delineando outra face, buscando a legitimidade no Estado territorial. A cidadania, como é reconhecida hoje, começa a ser constituída pelas duas principais Revoluções do século XVIII, que, sob a influência de teóricos liberais, reafirmam os principais direitos que respaldam a construção do Estado: os direitos civis e os direitos políticos, posteriormente, os direitos sociais são incluídos como forma de reconhecimento do cidadão como participante, ainda que minimamente, da riqueza material produzida pela sociedade.¹¹

¹⁰ ROSA, Antonieta. *A mulher cristã e os desafios da liderança*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 177.

¹¹ NOVAES, Adauto. *Ética e organização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 1178.

Na longa e complexa trajetória de construção dos direitos civis e políticos das mulheres brasileiras, as últimas três décadas tiveram, sem dúvida alguma, a marca do avanço. E, nessa cruzada pela cidadania, o movimento feminista desempenhou papel crucial. Com sua crescente capacidade de articulação e mobilização, influenciou de forma decisiva a elaboração de leis e políticas públicas voltadas à eliminação das desigualdades entre homens e mulheres, tanto no espaço público quanto no privado. Essas conquistas ganharam maior impulso a partir da Constituição de 1988. Na esteira da promulgação da Carta Democrática, o Brasil não só ratificou importantes tratados internacionais, como elaborou diversas leis que ampliaram e consolidaram os direitos das mulheres. No campo legal, há a representatividade das mulheres nos quadros dos poderes públicos e nas instâncias decisórias.

Além disso, ainda persiste na cultura brasileira uma ótica sexista e de discriminação em relação às mulheres, que as impede de exercerem plenamente sua cidadania.

As mulheres tiveram participação ativa nesse processo histórico. Um momento destacado foi a articulação desenvolvida pelo movimento feminista brasileiro ao longo do período de discussão e produção da Carta de 1988, visando a obtenção de conquistas no âmbito constitucional. Tal esforço culminou na elaboração da *Carta das mulheres brasileiras aos constituintes*, que contemplava as principais reivindicações, reunidas em ampla discussão nacional.

De fato, essa competente articulação resultou na incorporação, no texto constitucional, da maioria significativa dos pleitos formulados pelas mulheres. Esse êxito pode ser evidenciado em vários dispositivos que, dentre outros, asseguram a igualdade entre homens e mulheres em geral (Art. 5º, I) e especificamente no âmbito da família (Art. 226, § 5º); o reconhecimento da união estável como entidade familiar (Art. 226, § 3º regulamentado pelas Leis n. 8.971/94 e 9.278/96); a proibição da discriminação no mercado de trabalho, por motivo de sexo ou estado civil; a proteção especial da mulher no mercado de trabalho, mediante incentivos específicos (Art. 7º, XX, regulamentado pela Lei n. 9.799/99, que insere na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho); o planejamento familiar como uma livre decisão do casal, devendo o Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício

desse direito (Art. 226, § 7º, regulamentado pela Lei n. 9.263/96, que trata do planejamento familiar no âmbito do atendimento global e integral à saúde); e o dever do Estado de coibir a violência no âmbito das relações familiares (Art. 226, § 8º, tendo sido prevista a notificação compulsória, em território nacional, de casos de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privada, nos termos da Lei n. 10.778/03).

Na opinião da autora Leila Linhares Barsted, “esse quadro legislativo favorável foi fruto de um longo processo de luta das mulheres pela ampliação de sua cidadania, compreendida de forma restrita pela República brasileira inaugurada em 1889”.¹² De acordo com ela, as restrições aos direitos políticos das mulheres só foram retiradas completamente na Constituição Federal de 1934. No plano dos direitos civis, destaca a especialista, até 1962 a mulher casada era considerada relativamente incapaz, necessitando da autorização do marido para exercer os mais elementares direitos, como o de trabalhar. E, até 1988, as mulheres casadas ainda eram consideradas colaboradoras do marido, competindo a eles a direção da sociedade conjugal. No que se refere aos direitos trabalhistas, até o final da década de 1970, a lei, sob a rubrica da “proteção”, impedia a entrada da mulher em amplos setores do mercado.¹³

1.4 A luta da mulher pela igualdade na diferença, a partir da teologia feminista

O movimento a partir da teologia feminista vem tentando priorizar e vislumbrar uma desejada inclusão democrática das comunidades onde as mulheres são tratadas como objetos explorados e oprimidos, pelo simples fato de serem mulheres.

As conseqüências psicossociais da supervalorização do divino masculino provocaram mecanismos de dominação e de submissão sobre tudo para as mulheres, cujos efeitos continuam até nossos dias. O trabalho sobre essas conseqüências e a proposta de nova compreensão simbólica do ser humano tornaram-se tarefas importantes do feminino teológico.¹⁴

¹² BARSTED, Leila Linhares. Lei e realidade social: igualdade x desigualdade. In: V.V.A.A. *As mulheres e os direitos humanos: coletânea traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001. p. 34-35.

¹³ BARSTED, 2001, p. 34-35.

¹⁴ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 14.

Durante muito tempo, a diferença foi usada como sinônimo de desigualdade dentro da hierarquia imposta pela dominação masculina. No final dos anos 1980, as mulheres passaram a defender a igualdade não mais em nome da capacidade de se assemelharem aos homens, mas, sobretudo, pelo direito de serem diferentes deles.

O feminismo da diferença, desdobramento do feminismo da igualdade, introduziu um questionamento mais radical, trazendo a promessa de uma contribuição sociocultural inédita e subversiva. Os valores são o fundamento da diferença.

As mulheres são diferentes dos homens, porque no centro de sua existência estão outros valores referentes ao relacionamento interpessoal: atenção e cuidado com seu semelhante, proteção da vida, valorização da intimidade e do afetivo e gratuidade das relações. Porém, isso não implica dizer que ela tem que estar em posição inferior.

A teologia feminista vem lutando para desfazer esse equívoco citado acima que vem se arrastando ao longo da história e ofendendo a dignidade das mulheres.

As mulheres são essenciais e centrais na criação da sociedade; elas foram e continuam sendo participantes e agentes da história. Mulheres têm “feito história”, mas elas têm sido impedidas de sua história e de interpretar esta história, seja a delas mesmas ou a dos homens mulheres têm sido sistematicamente excluídas do processo de criação de sistemas simbólicos, filosofia, ciência e lei.¹⁵

A mulher ao longo da história vem se movimentando em busca de respeito, dignidade e igualdade perante a sociedade. Sociedade essa que sempre a colocou em posição inferior ao homem. A igualdade desejada entre mulheres e homens constitui princípios fundamentais de direito e deveres de um para com o outro e para com a sociedade. O objetivo maior dessa luta não é quem tem mais ou menos, mas garantir seus direitos e assegurar as oportunidades que foram oferecidas a ambos.

No início do movimento feminista, a luta pela igualdade se sobrepôs à questão da diferença. Foi somente na segunda metade da década de 1970 e no decorrer dos anos de 1980 que o debate sobre a igualdade e as diferenças se tornou o centro das discussões. Atribuindo à diferença uma valência positiva, as feministas direcionaram sua luta em prol da igualdade na diferença.

¹⁵ DEIFELT, Wanda. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 182.

2 A MULHER DENTRO DA RELIGIÃO E DA SIMBOLOGIA RELIGIOSA

2.1 As representações sociais da mulher como um ser maldito e inferior

Toda simbologia cristã que nos fala da expulsão do homem e da mulher do paraíso traz para a humanidade a perda da condição divina e essencialmente para mulher, a nódoa do pecado, porque foi ela que se entregou ao demônio.¹⁶

Na visão javista da criação, a mulher é figura secundária: “o homem imagem de Deus, a mulher à imagem do homem” (1Co 11.7-8). No cristianismo, a mulher tem que se manter submissa, resignada e tolerante a uma vida inferior para manter o casamento e a salvação. O medo e a culpa caminham lado a lado com as mulheres.

A religião, com seus discursos e simbolismos, faz-se nas representações sociais. O sagrado e o profano foram construídos e hierarquizados de forma relacional à diferença de gênero: sagrado quando se trata da figura masculina; profano quando se trata da figura feminina.

A dignidade e os papéis dentro da religiosidade não são iguais para todos. Os homens não são iguais às mulheres, eles se colocam acima. Afinal, eles são vistos como figuras superiores. Ao hierarquizar a figura masculina e a feminina, estabelecem-se a desigualdade de oportunidades entre ambos.

A religião cria molduras e discursos para a violência de gênero. Porém, há uma ação contraditória a respeito dessa visão religiosa quando a mulher é vitimada pela violência e busca refúgio, alimento e esperança para o coração destruído e amargurado. A mulher que é vítima passa a ser agressora e ainda se sente culpada pelas situações negativas vivenciadas, independentemente do tipo de violência que ela tenha sofrido.

2.2 O sacrifício na vida das mulheres como forma de obediência gerando instrumento de poder e dominação

Do ponto de vista religioso, viver no sacrifício é viver em obediência à vontade do Pai. E viver na obediência ao Pai é viver na obediência a seu filho, representado pela imagem do pai, do marido, dos irmãos e dos homens que detêm certo poder social e religioso. A ideologia do sacrifício,

¹⁶ BICALHO, Elizabete. Gênero, violência e religião. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, ano VII, n. 7-8. 1994. p. 95.

imposta pela cultura patriarcal, desenvolveu entre as mulheres uma educação à renúncia.¹⁷

Para a mulher realizar alguns desejos, é necessário que ela abdique de muitos de seus sonhos e se coloque no lugar e a serviço do outro, anulando-se e sacrificando-se para realizar seu melhor, não para satisfazer-se, mas para satisfazer o outro.

Na visão religiosa, é necessário sentir dor e passar por sofrimento para alcançar milagres e prazer. Através desta ideia religiosa, as mulheres são manipuladas pelos seus líderes religiosos, para que os mesmos tenham o controle de suas vidas e de toda a sua família.

Por medo, a mulher se permite o sacrifício para não perder o amor e a presença de Deus em suas vidas.

A mulher foi preparada para servir ao homem, e ela não deve se queixar e nem questionar, deve se manter submissa. Porque a palavra de Deus, segundo a Bíblia, diz que a mulher tem que ser sabia para manter sua família feliz, independente do sacrifício que ela terá de fazer.

Acredito que essa forma de interpretação bíblica não condiz com o que realmente está escrito no livro de Marcos, quando Jesus foi sacrificado. O sacrifício de Jesus foi perfeito, único e eficiente. O sacrifício foi tão distinto de todos os que já foram realizado, através do qual nenhum ser humano necessita sacrificar-se, tendo que se anular para que o outro venha ter felicidade em sua infelicidade. Por mais amor que ele ou ela venha a sentir. Por medo de um Deus transcendente? Um Deus que é justo, de uma fidelidade e uma benignidade tremenda pelo ser humano. Acredito que Deus jamais puniria alguém por não ser submisso ou obediente à prepotência do ser humano. Seja ele o marido, seja o líder religioso.

Muitos têm debruçado os olhares sobre o corpo feminino e declarado ter visualizado um corpo submisso, explorado, passivo, enfim, como se ouve um corpo-objeto “de cama e mesa”. Corroborando com essa visão, podemos nos referir a Beauvoir [...] para quem a opressão feminina origina-se do fato de mulher, reproduzir, “repetir a vida”. A diferenciação biológica entre os sexos fez da mulher, existencialmente, a parte mais fraca, segundo a autora, sendo que atividade masculina, criando valores, constituir a

¹⁷ GEBARA, 2000, p. 135.

própria existência como valor, venceu as forças confusas da vida, subjugou a natureza mulher.¹⁸

As dominações de seus corpos estão associadas à convivência das composições sociais e comportamentais de uma sociedade de comportamento machista. A mesma traz uma das questões que se apresentam perante este triste quadro que é saber o porquê de nossos corpos servirem de alvo de constantes ataques e desejos violentos, desejos de vingança, de posse, de domínio, de conquista. A mulher sempre esteve no alvo de manipulação e dominação pelo homem ao longo da história. Analisa os estereótipos da perseguição.

O discurso dominador perpassa todo o período da Idade Média, período feudal, e toda a contemporaneidade. A figura da mulher sempre esteve em evidência por estar em situação de monopólio, principalmente para os costumes históricos. A noiva, na noite de núpcias, tinha que preservar o costume da *prima nocte*, ou seja, a primeira noite com o senhor feudal. Era exigido pelos senhores que as noivas dos servos passassem a primeira noite com os donos dos feudos.

A perseguição em massa às mulheres acusadas de bruxarias teve o seu ponto alto entre 1560e 1630, início da Idade Moderna, na Europa Central. Os países que se destacam aí são a França, Alemanha, Suíça e os países do Benelux. Em outros pontos da Europa, como o leste europeu e o sul da Itália e a Irlanda, não houve perseguição institucionalizada às bruxas. O número das vítimas não pode ser determinado, mas está entre 100 mil e um milhão.¹⁹

No século XV, iniciava a caçada às mulheres que foram acusadas pela igreja de terem pacto com o demônio e, por isso, deveriam ser dizimadas. A bula papal estabelecia o processo. Sem acusações, muitas mulheres foram violentadas com requintes de crueldade para obtenção de confissões de suas práticas, pois se elas não confessassem a fé católica, certamente ofereciam grande perigo à comunidade.

A bruxaria consistia em negar a fé católica e os dogmas da Igreja, além de dedicar o corpo à prática do mal carnal como íncubo e súcubo. A lenda medieval ocidental conta que o íncubo é o demônio na forma masculina que domina os corpos das mulheres, quando elas se encontravam dormindo, e suga suas forças para se alimentar. O súcubo é o demônio em forma feminina. Muitas mulheres foram

¹⁸ BRUHNS, Heloísa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. *Veja*, ago./set. 1994. p. 77.

¹⁹ TOMITA, Luiza E. A Inquisição e a caça às bruxas: uma página tenebrosa da história das mulheres. In. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, ano VII, n. 7/8, 1994. p. 37.

estupradas e os estupradores acusavam os demônios. O *Malleus Maleficarum* foi um dos principais documentos utilizados pelos inquisidores para promover a perseguição às mulheres acusadas de bruxaria por toda a Europa.

Na Arábia Saudita, o Alcorão é a lei, o que não acontece na Turquia. As mulheres têm que se cobrir totalmente com roupas e lenços negros, caso contrário vão para uma prisão religiosa. Na Turquia, essas mulheres podem escolher se cobrir ou não, sem serem castigadas por causa disto. A religião e a lei não caminham juntas na Turquia. Assim, há uma diferença quando se fala sobre religião entre a Turquia e outros países islâmicos.²⁰

Segundo a pesquisadora e tradutora Tânia Navarro, em um artigos do ano de 2004 a respeito das mutilações sofridas pelas mulheres, estima-se que haja 115 milhões de mulheres no mundo que sofreram mutilações genitais: clitoridictomia ou infibulação. Estas práticas são comuns em 28 países africanos, com costumes diferentes de uma região para outra. Na África do Oeste, é a ablação do clitóris a mais praticada em países como Somália, Sudão, Etiópia e Egito. Outros países no mundo têm igualmente estas práticas, como Iêmen, Indonésia, Malásia e outros do subcontinente indiano. Isto acontece também em certos países da Europa, da América do Norte e da Austrália, principalmente nas comunidades imigradas destas regiões.²¹

Partimos do pressuposto de que toda ideologia consiste no fato de uma fundamentação de preceitos que favorecem uma dada parcela da sociedade. Na Idade Média, a sociedade sustentava a questão ideológica da mulher como “*objeto de submissão*” dentro de um poderio social.

Os discursos dominadores na vida das mulheres sempre estiveram em evidência. Independentemente do país ou da cultura, o pensamento machista sempre esteve no domínio das situações. A religião, juntamente com o Estado, sempre teve a liberdade de intervir e monopolizar seus seguidores fazendo tudo o que a Igreja julgava correto, inclusive a apologia ao puritanismo e à moral e aos bons costumes dentro da família e da sociedade, deixando bem claro para as

²⁰ Disponível em: <<http://www.business-with-turkey.com/guia-turismo/mulheres-islã.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2009.

²¹ DIALLO, apud. Assitan. L'excision en milieu bambara. In: *Sentinelles: les mutilations sexuelles féminines*. Lausanne, 1980. p. 44-41.

instituições religiosas que elas eram responsáveis pelos apelos e pelos discursos rígidos, dominadores tradicionais.

2.3 Mulheres vítimas do poder dominador do machismo e do patriarcado pedem socorro!

Segundo a Legislação mosaica, no tempo dos reis e dos juizes, aplicaram-se os códigos elaborados anteriormente. Nessas situações, tampouco a mulher era favorecida. Na Torá, descobrimos as seguintes leis discriminatórias contra a mulher que tiveram vigência até os dias de Cristo. [...] A honra de uma mulher valia menos que o sagrado dever da hospitalidade (Gn 19,6-9;12,11-20;20,2-18 e Jz 19,11-19). Os amos tinham direitos sobre as mulheres dadas para seus escravos (Ex 21,4). Os homens vendiam suas filhas como meretrizes, prostitutas e escravas (Ex 21,7). As tarifas e avaliações sobre o valor do homem eram mais altas que o valor da mulher (Lv 27,2-7). As mulheres não tinham direito a herdar (Lv 27,2-7).²²

Podemos ressaltar como a mulher era discriminada e usada como um objeto e comparada a qualquer coisa, como está escrito em Êx 20.17: não se pode cobiçar a mulher do próximo, nem o seu escravo, nem os bois, nem o jumento, ou qualquer coisa da sua fazenda. A mulher estava sendo comparada a qualquer coisa, de domínio sob o homem dentro de sua fazenda.

Acredito que o poder dominador do machismo sempre esteve presente na sociedade patriarcal, não apenas na demonstração da força física, mas no controle repressor, na submissão, na discriminação de gênero e no desrespeito ético e moral da dignidade da mulher pelo fato de ser mulher.

O patriarcado está enraizado em nossas práticas sociais, na forma de nos relacionarmos com o outro e nos recursos que utilizamos para dar sentido ao outro.

Muitas mulheres se permitem serem confundidas como mãe de seu companheiro e secretária de seu próprio lar. E o homem sai da condição de esposo e passa a ser o rei ou visitante de sua própria casa, pois ele não conhece seu *habitat* e necessita a todo tempo ser servido ou levado de um lado para o outro, porque não conhece o lugar em que ele deveria ter muita intimidade, seu lar e sua companheira. Tudo isso por causa da doença hereditária chamada machismo.

Leonore Walker traz muitas histórias de relacionamentos que começaram com muito amor e carinho e, com o passar do tempo, foram se decompondo devido

²² SOBERAL, José Dimas. *O ministério ordenado das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 54-55.

ao poder dominador do machismo irracional, que deixa marcas profundas e, muitas vezes, tira a vida da companheira.

Folheto do National Institute of Mental Health, intitulado *Wefe Abuse*, sugere as seguintes posturas, retiradas do livro de Jennifer Baker intitulado *Stopping wife abuse*:

“Não posso receber a culpa por ter sido espancada e violentada”; “ Não sou a causa do comportamento violento dos outros”; “ Não gosto disto ou não quero isto”; “ Não tenho que tolerar isto”; “ Sou um ser humano importante”; “ Sou uma mulher que vale a pena”; “ Mereço ser tratada com respeito”; “ Tenho poder sobre a minha vida”; “ Posso decidir o que é melhor para mim”; “ Posso fazer mudanças na minha vida se eu quiser”; “ Não estou só. Posso pedir a ajuda de outras pessoas”; “ Sou digna do trabalho e das mudanças”; “ Mereço tornar minha própria vida segura e feliz”.²³

Algumas vezes, parece que é fácil rescindir laços com o agressor, entre tantas situações desagradáveis imposta pela vida, pela sociedade e pelas dificuldades econômicas. Muitas mulheres passam da condição de vítimas para a de agressora e culpada por serem agredidas e terem provocado a agressão. Há muitas histórias de mulheres agredidas outras que não resistiram e foram a óbito.

São episódios e sentimentos como esses que se condensam na clássica descrição de Lenore Walker do ciclo da violência. Quando se fala em violência contra a mulher não se pensa, portanto, episódio discreto e isolado, mas em uma vitimização contínua e repetida, pois a violência física não precisa ocorrer regularmente para produzir tensão e medo.²⁴

Em nossa cultura, por ser extremamente patriarcal, até as mulheres que se dizem autônomas não escapam de um pensamento machista, é algo inconsciente. Por exemplo, os filhos de hoje continuam sendo educados dentro de uma concepção que estabelece valores específicos para meninas e meninos; o senso comum concorda, muitas vezes, que homens são mais fortes, não choram, pensam diferente da mulher (“respaldados” por diferenças na formação neurológica) e assim por diante; já as mulheres são consideradas sensíveis, frágeis, pensam de outra forma etc., como se homens e mulheres fossem realmente dois seres distintos, e não duas invenções criadas pelo ser humano para a espécie humana, que é uma só.

²³ SOARES, apud Bárbara M. *Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de seguranças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 133.

²⁴ SOARES, 1999, p. 135-136.

O patriarcalismo influencia na educação de meninos e meninas e no desenvolvimento social. Muitas mulheres vêm conquistado seu espaço, mesmo com o poder machista patriarcal muito forte em nossa sociedade. O luta das mulheres não é para extinguir os homens, mas para terem seus direitos respeitados e serem vistas não apenas como objeto sexual, sexo frágil ou reprodutor, mas como ser humano capaz de superar as diferenças imposta pelo machismo e terem seus direitos respeitados diante da lei Constitucional.

2.4 A imagem e auto-imagem da mulher

Pv 10-30 e a coleção de cânticos de amor no Cântico dos cânticos, que devem ter surgido entre os séculos 8 e 6 a.C., oferecem-se como fontes quando queremos conhecer a imagem ou auto-imagem das mulheres israelita. A leitura sapiencial androcêntrica destaca, seguindo modelos egípcios, sempre de novo a posição elevada da mãe, à qual se deve respeito. O homem israelita experimenta uma boa esposa como presente de Deus, e, nessa qualidade, não é tão importante seu papel de Dona de casa, mas seu papel de conselheira de seu marido.²⁵

Assim, como há um tempo de grandes mudanças para a Igreja em todo seu desenvolvimento eclesial, a imagem da mulher faz parte dessas mudanças, assim também haverá um novo recomeço para a história das mulheres, frente à família, sociedade e comunidades de fé, tendo, dessa forma, seu papel social reconhecido de maneira abrangente e satisfatória.

A função da mulher sai de escrava, submissa e desvalorizada para ser detentora de suas escolhas.

Sabemos que não foi e nem será fácil romper com tantos paradigmas que nos envolvem, para isso devemos praticar essas mudanças, não querendo ocupar o lugar do macho, mas fazendo respeitar o lugar da mulher na sociedade, entre as mulheres e nas comunidades eclesiais, sendo um exemplo de fidelidade, caráter irrepreensível, força e, acima de tudo, mulher. O livro de Provérbios 10.11 diz: “a palavra declara que a boca do justo é manancial de vida”. Que a mulher possa ser vista como justa em suas atribuições e não injustiçada como podemos observar ao longo da história.

²⁵ SCHOTTROFF, Luise. *Exegese feminista: resultados de pesquisa bíblica na perspectiva de mulher*. São Leopoldo: Sinodal/EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008. p. 116.

Todavia, no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher, pois, assim como a mulher nasce a partir do homem, assim também o homem nasce da mulher, mas ambos vem das mãos potente de Deus.

O profeta Malaquias, segundo as Escrituras Sagradas, profetizou que no final dos tempos seria liberada a unção de Elias. Elias era a semelhança de Melquisedeque (Gn 14.18; Hb 7.3). Nós mulheres, confessarmos que já recebemos essa unção dotada de grande autoridade espiritual. Deus escolheu as mulheres como as primeiras testemunhas. Os apóstolos eram homens que tinham sido testemunhas da vida, morte e ressurreição (At 1.22). Atos 10 dizem que as testemunhas da ressurreição foram pré-determinadas por Deus.

As mulheres tiveram um encontro com Jesus na manhã de domingo não por acaso. Foi esquematizado pelo próprio Deus. Elas foram escolhidas especialmente por Ele. Jesus mandou que elas testemunhassem e testificassem para o povo que Ele havia ressuscitado. Deus já havia mandado um anjo tirar a pedra para as mulheres se tornarem testemunhas do túmulo vazio (Mt 28.1-8). Devemos seguir o exemplo de Jesus em tudo que Ele fez. Ele é e sempre será nosso referencial de comunhão, respeito e sociabilidade. Jesus tratou as mulheres como pessoas responsáveis (Mt 26.13; Mc 14.9). O Mestre não via diferença entre a imagem do homem e o trabalho da mulher.

Mediante este tão grande referencial de nosso Mestre Maior, por Excelência, queremos dizer que as mulheres têm convicção de sua importante função através da história.

Deus nos chama a uma maior conscientização nesse processo de recobrar a autoridade que foi delegada a mulher. Ele sabe investir em nossos filhos e filhas que são obedientes à sua Palavra. Através de uma nova imagem, Deus permite à mulher um leque de possibilidades, novas metas, atingirem novas conquistas, novos territórios e vencer todos os obstáculos. “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoe com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo” (Ef 1.3).

3 A LEGITIMAÇÃO DA MULHER E SEU RECONHECIMENTO PELAS INSTITUIÇÕES ECLESIÁSTICAS AMPARADAS PELAS LEIS, PELOS DIREITOS HUMANOS E PELAS LEITURAS LIBERTÁRIAS DO DISCURSO CRISTOLÓGICO

3.1 O ministério da mulher a partir da experiência com Deus

Muitas mulheres tiveram coragem de construir a imagem de Deus de acordo suas convicções em meio a tantas situações adversas.

Assim como as diferentes culturas deixaram as mulheres à parte das grandes decisões históricas, da criação artística e da produção literária, no cristianismo as mulheres em geral não puderam exprimir publicamente sua experiências de Deus. Muitas vezes elas acolheram a imagem de Deus que lhe foi proposta ou ensinada por homens, ou simplesmente pela cultura dominante. Isto não quer dizer que elas não recriaram essas imagens em função de uma vida e de seu contexto, mas esta recriação permaneceu no “pequeno” mundo limitado às mulheres.²⁶

As mulheres por muito tempo tiveram suas escolhas religiosas reprimidas devido à represália religiosa sofrida durante o período histórico. Porém, nos dias atuais, elas têm se revelado donas de suas escolhas e de suas adorações ao sagrado. O cristianismo, baseando-se na Bíblia, deixa transparecer que a desigualdade entre os gêneros é considerada como uma vontade divina.

Quando Deus criou o homem e a mulher, deixou bem claro que ambos teriam sua imagem e semelhança (Gn 1.27). Entendo que a imagem e semelhança do sagrado não está só na formação do homem, mas também na formação da mulher. Na essência humana, não existe desigualdade e nem quantidade de perfeição: ambos são instrumentos valorosos nas mãos de Divino. Deus criou a mulher com objetivos especiais, e um deles era não deixar o homem se sentir só (Gn 2.18). Foi dada a ele uma auxiliadora, companheira, amiga, cúmplice, ossos de seus ossos e carne de sua carne.

E disse o Senhor: “Deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e será uma só carne” (Gn 2.24). Podemos observar a grande responsabilidade e capacidade da mulher de gerar vida em seu ventre. Foi escolhida por Deus, com a missão de gerar e trazer seu filho Jesus à terra e mais tarde anunciar sua ressurreição. Acredito que o ministério da mulher é tão importante

²⁶ GEBARA, 2000, p. 225.

quanto o do homem. Porém, com responsabilidades dobradas que implicam no cuidado mútuo e na anunciação do Evangelho.

Embora as histórias descritas na Bíblia nos mostrem uma sociedade de dominação masculina e submissão feminina, muitas mulheres foram escolhidas como discípulas e apóstolas como mostram o livro de Atos dos Apóstolos.

No período após a ressurreição de Jesus, conforme Atos dos Apóstolos, o termo “discípulo” ou “discípula” foi a designação comum dos membros do movimento de Jesus. É verdade que o vocábulo é pouco usado em conexão com a comunidade de Jerusalém, mas mesmo lá, encontram-se três vezes no capítulo seis, sempre com referência ao crescimento do número dos discípulos (At 6.1-2,7). Daí, até o capítulo 21, inclusive, “discípulos” e “irmãos” são as designações comuns do povo de Jesus. “Foi em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos receberam o nome de cristãos” (At 11.26); “Cristãos” é raro no NT, aparecendo apenas duas vezes depois, a saber, At 26.28 e 1Pe 4.16). Não nos surpreende, portanto encontrar a declaração: “E havia em Jope uma discípula (Mathétria) chamada Tabita...” (At 9.36). O destaque dado a Tabita ou Dorcas surge que ela exercia real liderança pastoral na congregação de Jope.²⁷

Essas mulheres seguiam Jesus em suas peregrinações pela Galiléia, onde ele passou a maior parte de seu ministério. Enfrentaram com ele as perseguições e acompanharam sua crucificação. O ministério de Jesus proclamava a igualdade entre os homens, plano de salvação e um reino vindouro.

As doze mulheres separadas para contribuir no ministério feminino no Antigo Testamento são:

- Eva, reconhecida como mãe de todos os viventes;
- Sara, esposa de Abrão, mãe das nações (Gn 17.15;23.1);
- Rebeca, mulher de Isaac, escolhida por Deus;
- Betsabéia, mãe do rei Salomão (2Sm 11.3-4,27);
- Raquel, esposa de Jacó, mãe de José (Gn 29.20).
- Ana, mãe do profeta Samuel (1Sm 1.11);
- As cantoras de cânticos de libertação que receberam o Davi na derrota contra os filisteus (1Sm 18.6-7; Jz 5.1-13; 1Sm 21.12; 29.5);
- Abigail, mulher corajosa que foi ao encontro de seu esposo no Monte Carmelo, salvando-o juntamente com os homens que estavam sob seu comando (1Sm 25.2-24);
- Um mulher desconhecida que salvou Jônatas e Aquimaás da morte sob as mãos de Absalão;
- A prostituta Raab, que livrou Josué das mãos do rei de Jericó;
- A mulher de nome desconhecido que matou o rei Abimelec (Jz 9.50-56);

²⁷ REILY, Duncan Alexander. *Ministério feminino em perspectiva histórica*. 2. ed. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: EDITEO,1997. p. 37-38.

- A mãe dos Macabeus (2Mac 6.2-10). Apesar de ter seus filhos presos e torturados, ela clamava a Deus por Misericórdia (2Mac 7.28-29).

3.1.1 O ministério feminino nos tempos apostólicos

Em uma sinagoga judaica, seria considerado uma desgraça a mulher tomar parte ativa no culto de adoração, falando, ou mesmo orando em voz alta. No judaísmo, não era permitido que as mulheres estudassem a Lei de Moisés. Alguns sábios judeus asseveravam que mais valia a pena queimar a Lei do que ensiná-la a uma mulher.

A posição da mulher no judaísmo era tão inferior à do homem que alguns rabinos chegavam ao extremo de pensar que as mulheres não tinham alma. Contudo, nas sociedades pagãs, a mulher era mais estimada do que no judaísmo! Sendo o apóstolo Paulo oriundo desse ambiente, num primeiro momento, ele traz a influência do judaísmo para dentro da Igreja ao proibir que as mulheres falem na Igreja (1Co 14.34).

O apóstolo Paulo passa a conhecer o ministério feminino e se surpreende com o desempenho da mulher na Igreja. A participação das mulheres logo começaria a ocorrer com a propagação do Evangelho entre os gentios. Nos cultos onde os crentes, em sua maioria, eram povos gentios é fato óbvio que as mulheres já participavam ativamente dos cultos como se depreende na leitura cuidadosa de 1Co 11.5: “toda mulher, porém, que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada”. A razão das recomendações de Paulo em 1Co 14 e 1Tm 2.8-15 sobre o papel das mulheres nos cultos foi o fato de que elas já estavam participando.

Uma das grandes contribuições do cristianismo para a melhoria das condições sociais do gênero humano, embora muitos descriminassem a mulher e o uso do véu, mesmo ela estando fora das práticas de prostituição. Elas eram orientadas por Paulo a usar o véu até que os cabelos votassem a crescer para não serem confundidas com as prostitutas. Foi a elevação do papel da mulher, pois no cristianismo as mulheres cristãs podiam gozar de melhores privilégios do que no judaísmo. Apesar das recomendações do apóstolo Paulo, a Igreja percebeu que muitas das práticas inseridas na Igreja eram, na realidade, umas transferências de práticas do judaísmo, pela influência do apóstolo Paulo.

A mudança era necessária e haveria de ocorrer. Caso contrário, como se cumpriria a profecia de Joel? A mudança começou com a conversão de mulheres gregas de alta posição social: “e alguns deles creram, e ajuntaram-se com Paulo e Silas; e também uma grande multidão de gregos religiosos, e não poucas mulheres principais” (At 17.4). É certo que estas mulheres passaram a exercer liderança nas igrejas, como vemos em Fp 4.2-3: “Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no senhor. E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida”, onde o próprio Paulo recomenda cuidados especiais para duas mulheres que trabalharam juntamente com ele na propagação do Evangelho.

Em 1Tm 3.8-16, Paulo, nas recomendações para o exercício do diaconato, diz: “da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo” (1Tm 3.11). Poderia o texto estar se referindo às mulheres dos diáconos, mas também pode ser que esteja relacionado ao ofício de diaconisa. Caso contrário, seria mais racional que este texto fosse adicionado dentro do verso 12, onde é feita menção à mulher do diácono. Em Gl 3.28, Paulo já demonstra ter mudado sua compreensão em relação ao ministério feminino, colocando as mulheres em nível de igualdade com os homens na Igreja: “nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”

O apóstolo Paulo deparou-se com uma congregação criada por mulheres da estirpe de Lídia, negociante, mulher de recursos próprios, dona de sua casa e seguidora da fé do seu marido, temente a Deus. Lídia, convencida pela pregação de Paulo de que Jesus era o Messias, levou toda sua casa (At 10.24,44; 16.31). A casa de Lídia foi usada como igreja em Filipos (At 16.40). Todos os recursos de Lídia foram colocados à disposição de Paulo (Fl 4.10,15-16).

Em Filipos, Paulo abre outras saudações às discípulas Evódia e Síntique (Fl 4.2) que exerciam liderança na igreja e trabalhavam em prol da paz. Paulo também mandou saudações a Andrônico e Júnica, apóstolos exímios que o precederam na fé em Jesus Cristo (Rm 16.7).

A Bíblia, tanto no Novo Testamento quanto no Antigo Testamento, traz uma visão de igualdade acerca do valor do ministério das mulheres: “e acontecerá depois

que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias” (Jl 2.28-29). Dom sobrenatural do Espírito Santo que capacita o crente a proferir palavras de exortação, consolação e de edificação. O entendimento ortodoxo clássico admite “profecia” como sendo apenas a pregação da Palavra, e como ministério estritamente masculino.

3.1.2 Mulheres que profetizam no Antigo Testamento

1. Miriã: “então Miriã, a profetiza, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças” (Êx 15.20). O texto é claro, diz que Miriã, irmã de Arão era profetiza e, após Faraó e seu exército perecerem no mar, respondia ao povo: “cantai ao Senhor porque gloriosamente triunfou, e precipitou no mar o cavalo e seu cavaleiro”;

2. Débora: “e Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo” (Jz 4.4). A profetiza que desempenhou um papel semelhante ao dos juizes, julgando a Israel, isto é, ela era a pessoa número um entre Deus e o povo em um tempo do período dos juizes, ou período teocrático. Profetizou o livramento de Israel - cântico espiritual (Jz 5).

3. Hulda: “então foi o sacerdote Hilquias, e Aicão, Acbor, Safã e Asaías à profetiza Hulda, mulher de Salum, filho de Ticvá, o filho de Harás, o guarda das vestiduras e lhe falaram” (2Rs 22.14). Esta mulher era de tal forma usada por Deus no dom de profecia que até o Sacerdote Hilquias, aquele que achou o Livro da Lei na Casa do Senhor, foi consultá-la, e isto a mando do rei Josias que foi fiel e temente a Deus. Este rei abençoado mandou consultar a profetiza Hulda, e Deus usou esta mulher poderosa e profeticamente para lhe falar... Deus aprovou este ato do Rei Josias e lhe falou através da profetiza, e a palavra se cumpriu!

3.1.3 Mulheres no Novo Testamento

1. Ana: “e estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade; E era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia. E sobrevindo na

mesma hora, ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém” (Lc 2.36-38). Interessante que Lucas não menciona o nome do seu falecido esposo, mas o de seu pai – Fanuel = a face de Deus! Esta mulher, após enviuvar, preferiu não se casar de novo e se dedicar a jejuns e orações e Deus a usava em profecia! Deus a usava e ela profetizava e dizia muitas coisas a respeito do Messias.

2. As quatro filhas de Felipe: “e tinha este quatro filhas virgens, que profetizavam” (At 21.9). Provavelmente, profetizaram para Paulo, advertindo-o sobre sua viagem.

3. Evódia e Síntique: “rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor. E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida” (Fp 4.2-3). Paulo fala destas duas mulheres que estavam se desentendendo recomendando que passassem a pensar concordemente no Senhor e diz que estas duas mulheres juntas se esforçaram com ele na pregação do Evangelho, junto com Clemente e outros cooperadores.

3.1.4 Mulheres importantes no período da monarquia

Quando os homens desanimaram, as mulheres responderam com fidelidade a lahweh e com amor o seu povo.

Rute: figura importante entre a época de juízes e a monarquia, moabita, fica viúva com a morte de Quelion (Rt 1.5). Conforme a lei do levirato, casa-se mais tarde com Boaz, tornando-se bizavó de Davi;

Noemi: belemita, cuidadosa das coisas de Deus (Rt 2.4);

Judite: “o povo havia perdido o ânimo”. Ozias, que acreditara na possível resistência, agora decidia “entregar a cidade aos assírios” (Jt 8.9). Nesse momento, surge Judite, propondo um plano ao rei Ozias e sua entrada no acampamento de Holofernes (Jt 9.1-14;10.9). Holofernes morre pelas mãos de Judite e a vitória consolidou o reino, de modo que todos foram oferecer holocaustos e sacrifícios ao Senhor, em Jerusalém;

Ester: rainha que libertou o povo judeu (Et 5.4);

Atalia: assumiu a regência numa época desprovida de homens capazes de continuar vivendo a aliança com Deus lahweh (2Cr 1.12-23; 2Rs 11.1-6).

Durante o período da monarquia, essa função reservada hoje aos Bispos parece ter sido exercida pelas mulheres. Se alguma época da história da salvação Deus outorgou à mulher o ministério governativo, a Igreja, continuadora da obra de Deus na terra, pode conceber essas faculdades ou ministério para as mulheres.²⁸

Essas mulheres tiveram compromisso com Deus durante toda a história.

3.2 A voz da mulher na igreja de hoje

A igreja, como instituição, se adapta a um mundo em transformação. Na questão feminina, a igreja se empenha em acentuar a importância da participação da mulher. Em muitas denominações, existe um setor de trabalho feminino organizado, com objetivos definidos.²⁹

A mulher sempre teve um papel secundário nas igrejas, embora biblicamente ela tenha o chamado ministerial concedido pelo próprio Deus, porém mal-interpretado por muitos líderes machista, que desconhecem as Escrituras. Acredito que a mulher sempre foi perseguida desde o Éden (Gn 3), quando a serpente a seduziu, não por a mesma ser frágil e fácil de ser enganada, mas por sermos fortes, corajosas, procriadoras e capazes de levar o Evangelho do Senhor por todos os cantos do mundo sem temer nem tremer diante das circunstâncias. E Satanás sabia do valor da mulher e o seu desejo era destituí-la de sua posição diante de Deus. Porém, Deus conhece bem o coração do ser humano e sabe que, quando as mulheres abrem a boca para falar com Deus, elas falam com o coração contrito e as suas orações são ouvidas por Deus. Por isto, Jesus falou primeiro com uma mulher após sua ressurreição.

Só Deus, o criador, sabe o prazer e a satisfação de gerar vidas, e Ele compartilhou essa alegria e responsabilidade com a mulher. E se não bastasse, Ele deu o maior presente para a mulher de gerar seu único filho através do Espírito Santo. O que nós mulheres podemos dizer para agradecer ao nosso Bom Senhor pelo seu amor para com o ser humano. Ele se entregou por todos nós, homens e mulheres, sem preconceito. A história bíblica nos mostra Jesus cercado de mulheres

²⁸ SOBERAL, 1989, p. 70-79.

²⁹ PANKE, Rita Marta. A mulher na Igreja. In. BAESKE, Sibyla. *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 50.

que lhe serviam com alegria, como: Maria e Marta, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e outras. Servas fiéis que o acompanhavam por onde estava, adorando, o alimentando.

O Senhor Deus todo poderoso deu à mulher a missão de cuidar, amar, ouvir, orientar e orar, falando com Deus através do coração, como Ana falou com Deus quando lhe pediu um filho.

O que nós mulheres queremos não é o lugar do homem, nem ser igual a eles. O que queremos é sermos respeitadas por nossos valores éticos e morais e, acima de tudo, sermos tratadas com dignidade e respeito. Porque foi dessa forma que Deus nos criou e nos confiou sermos mulheres, tão-somente mulheres, capazes de gerar homens e mulheres semelhantes a Deus.

Embora os homens se considerem superiores às mulheres, e por serem mal-interpretados, geralmente são chamados para ocupar posições importantes, mesmo não tendo conhecimento teórico, hermenêutico e exegético que os textos exigem para uma boa interpretação e um bom trabalho nas comunidades de fé, devido a muitos se deixarem levar pelo egoísmo e pelo machismo patriarcal doentio. Em leituras bíblicas, alguns textos deixam transparecer que a desigualdade entre os gêneros é considerada como uma vontade divina. Muitos colocam Eva, mulher que veio fazer companhia a Adão, como submissa a ele, porque foi criada de sua costela, não passou pelo mesmo processo de criação, sendo, portanto, diferente. É ela, também, a responsável pela desgraça da humanidade, uma vez que comeu o “fruto do pecado”.

Da mesma forma, observa-se que “Deus”, um ser “macho”, fez o mundo sozinho e enviou seu filho, outro “macho”, para salvar o mundo dos grandes pecados. E quando estava na terra, Jesus Cristo foi seguido por doze apóstolos, “outros machos”.

Nas sociedades apresentadas na Bíblia, a Lei de Moisés era completamente de domínio masculino e a visão que se tem da mulher é de objeto de posse. Porém, em sua difusão, os profetas e apóstolos anunciam a mensagem da igualdade entre homens e mulheres, o plano da salvação. Ainda assim, há ideologia presente na própria estrutura física da Igreja que mantém a mulher inferiorizada, pois ela não tem o direito ao episcopado.

Alguns direitos que algumas mulheres conseguiram exercer na Igreja foram retirados, após a reforma Gregoriana, que impôs o celibato aos padres. Segue-se a isso o Tribunal do Santo Ofício, órgão dentro da Igreja Católica responsável pela morte de milhares de mulheres consideradas bruxas. A cultura era extremamente patriarcal, até as mulheres que se dizem autônoma não escapam de um pensamento machista, inconscientemente.

Por exemplo, os filhos de hoje continuam sendo educados dentro de uma concepção que é pré-estabelecida pela sociedade conservadora ao machismo, na qual as meninas têm que ser criadas diferentes dos meninos. O menino pode ser criado livre, jogando bola, dirigindo um carro, sendo um grande garanhão, enquanto a menina tem que brincar de boneca para estimular a maternidade e de panelinhas para ser mais tarde uma boa dona de casa, para saber servir a seu marido. Todos esses requisitos são estabelecidos e mantidos por uma cultura que permanece ainda no passado patriarcal e que caiu no senso comum. O senso comum matém-se mitológico, pois afirma que os homens são mais fortes, não devem chorar, e que as mulheres são sexo frágil e necessitam ser amparadas pelo super-homem.

O poder machista e dominador esquece que a mulher já nasceu pronta para enfrentar grandes obstáculos. Um deles é ser mulher numa cultura machista dominadora. Outros obstáculos são: gerar vida em seu ventre; cuidar de sua cria como uma leoa capaz de dar sua vida por seus filhos; cuidar de si e dos outros; e ter fôlego para enfrentar a seara que lhe foi outorgada pelo próprio Deus. De sensíveis e de frágeis, as mulheres não têm nada.

Mesmo em meio a tantas objeções contra as mulheres, elas vêm conquistando seus espaços no meio eclesiástico, assumindo o grau de teólogas, filósofas, pastoras, evangelistas e bispas. E, em meio a tantas discriminações, elas vêm conseguindo reescrever uma nova história para suas vidas e seus desejos de contribuir para o reino vindouro.

3.3 A mulher virando a página com o apoio da lei Maria da Penha

“Vários acordos internacionais manifestam claramente que a violência contra a mulher constitui uma violação dos direitos humanos”.³⁰ A Lei Maria da Penha, Lei n. 11.340/06, foi uma resposta às incansáveis lutas dos movimentos em defesa das mulheres, bem como o atendimento à Convenção, eliminando todas as formas de discriminação contra a mulher. A Lei Maria da Penha cria mecanismos para coibir e prevenir todo o tipo de violência baseada em gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (Lei n. 11.340/06, Art. 5º). A Constituição Federal estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (Art. 5º).

O dia 25 novembro é um dia para protestar pela não-violência contra a mulher e é o início da Campanha Mundial pelos Direitos Humanos das Mulheres, sob a coordenação do Centro de Liderança Global da Mulher, que propôs o ativismo contra qualquer tipo de violência à mulher, independentemente de classe e de raça.

A igualdade entre os gêneros é reforçada pela Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher. Cabe lembrar, entretanto, que, ao ratificar a Convenção, o Estado brasileiro apresentou reservas aos artigos 15 (parágrafo 4º-) e 16 (parágrafo 1º- (a), (c), (g) e (h)), com fundamento no Código Civil. O artigo 15 assegura os homens e mulheres o direito de, livremente, escolher seu domicílio e residência. Já o 16 estabelece a igualdade de direitos entre homens e mulheres, no âmbito do casamento e das relações familiares.³¹

Em 20 de dezembro de 1994, entretanto, o governo brasileiro notificou o secretário-geral das Nações Unidas acerca da eliminação das aludidas reservas. É interessante perceber que, no plano dos direitos humanos, essa foi a Convenção que mais recebeu reservas por parte dos estados signatários, especialmente no que se refere à igualdade entre homens e mulheres na família. Tais ressalvas foram justificadas com base em argumentos de ordem religiosa, cultural ou mesmo legal, havendo países, como Bangladesh e Egito, que acusaram o Comitê sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher.

³⁰ VIAU, Sandra Regina. *Guia de direitos para mulheres: a Lei Maria da Penha*. Lei n. 11.340/06 e o direito a família. São Leopoldo: CECA, 2007. p. 18.

³¹ BARSTED, Leila Linhares. A legislação civil sobre família no Brasil. In: V.V.A.A. *As mulheres e os direitos humanos: coletânea traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001. p. 12.

3.4 Mulheres conquistando a liberdade

Quando as mulheres descobrem suas raízes e se identificam com seus propósitos nesta terra, começaram a viver a vida na verdade. Seus passos para a liberdade levá-la-ão a um estilo de vida emocionante e produtiva, baseado na fé, no pensamento, no falar e na atuação positiva.³²

Nos dias atuais, as mulheres vêm superando suas dificuldades material, física, mental e psicológica em meio a tantas violências sofridas ao longo de suas vidas com seus companheiros e líderes religiosos, com seus desmandos em nome de Deus.

Tratar do assunto violência, seja ela na proporção que for, é caso de punição pela lei que hoje favorece a mulher. Não é apenas uma questão jurídica na violação dos direitos humanos e de cidadania, porém a violência contra a mulher também merece ser abordada como um problema de saúde. Como saúde, entenda-se saúde integral, incluindo aspectos biopsicossociais na abordagem desse tipo de violência.

A mulher do novo século está conquistando seus espaços inclusive no meio eclesiástico, onde por muitas décadas elas foram colocadas em último plano e hoje elas quebram o silêncio e romperam barreiras e vêm tomado posse de tudo quanto o Senhor Deus lhes deixou por herança.

Ser mãe é mais do que uma função; é um modo de ser que engloba todas as dimensões da mulher-mãe, seu corpo, sua psique e seu espírito. Com o seu cuidado e carinho a mãe continua a gerar os filhos e as filhas durante toda vida³³

Leonardo Boff assinala o cuidado como uma expressão imprescindível na dimensão da filologia³⁴ que nos confirmam a idéia de que o cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser no mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas.

Partindo desse pensamento, acredito que a mulher veio cumprir seu papel de geradora não só de filhos biológicos, mas de filhos espirituais. E ela se adéqua à

³² OSBORN, Daisy W. *Nova vida para a mulher*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]. p. 159.

³³ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 92,167.

³⁴ Estudo de uma língua ou cultura sob uma visão...

vocação que lhe foi ordenada com muito carinho e perfeição dadas pelas mãos de um Deus que não tem sexo, mas gera vidas.

3.4.1 A liderança da mulher na sociedade atual e na Bíblia

O termo “liderança” refere-se a uma função comum a ambos os sexos. O verbete liderança; no Dicionário Aurélio, é definido como capacidade de liderar, baseada no prestígio pessoal e aceitação pelos liderados. A palavra líder deriva de *leader*, vocábulo de origem inglesa, que significa “aquele que chefia ou comanda qualquer tipo de ação. É o representante de uma empresa, chefe; aquele que conduz um grupo ou uma corrente de opinião”.³⁵

O líder é aquele que está sempre se colocando no lugar do outro, buscando sabedoria para se fazer justo. Na visão bíblica, o líder precisa de algumas características: “procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Muitas mulheres cristãs tornaram-se líderes, embora o cristianismo tenha por muito tempo ignorado seu trabalho de liderança e mantendo-as como objeto a ser manipulado. Muitos líderes bíblicos tiveram ao lado uma mulher forte e competente para assegurar sua vitória em meio ao desespero. Ser líder independe de ser homem ou mulher. Porém, para ser um líder é necessário ser escolhido e estar apto ao cargo assumido. Na Bíblia, muitas mulheres ocuparam cargos políticos, dentre elas Débora.

A modernidade coloca a mulher não como aquela “coisinha fraca”, tímida, insegura e carente de proteção; mas como a criatura que Deus fez capaz de realizar e participar. Ela está no comércio, na indústria, no campo, na ciência, na política, no lar e na religião; Sempre levando os preceitos bíblicos “no temor do Senhor; tudo fazendo com humildade, sem ira nem contenda”. A sociedade atual tem facultado às mulheres muitas oportunidades de realizar boas obras.³⁶

A ordenação das mulheres ao ministério pastoral tem recebido uma atenção maior em algumas denominações. Outras tentam sutilmente cumprir os ensinamentos deixados por Deus de maneira cuidadosa. Embora o pastorado seja uma vocação e, ao mesmo tempo, um ofício que deve ser claramente distinguido entre o mandato divino e o valor humano, tanto o homem quanto a mulher são instrumentos a serem usados por Deus.

³⁵ ROSA, 2008, p. 17.

³⁶ ROSA, 2008, p. 46.

A consagração de mulheres para o ministério pastoral tem sido mal-interpretada por alguns líderes por falta de entendimento hermenêutico e, na maioria das vezes, por insegurança por parte dos líderes homens.

As igrejas que guardam os mandamentos e trabalham com fidelidades aos textos bíblicos, principalmente ao Novo Testamento, que traz o cumprimento das leis por Jesus Cristo, devem exercer sua autonomia com segurança ao que já foi dado às mulheres pelo próprio Cristo e às demais lideranças: a liberdade de exercerem suas vocações ainda que muitos achem que elas não tenham competência por serem mulheres. Como já foi citado nos textos acima, acredito, não apenas pelo fato de ser mulher, que a posição que foi dada às mulheres a serviço do reino está bem explícita na Bíblia, tanto agora quanto através da história: no Antigo Testamento, Débora foi uma profetiza e juíza, para dar um exemplo suficiente. Dois livros no Antigo Testamento assinalam duas mulheres no cenário histórico do povo de Israel: Rute e Ester.

No panorama do Novo Testamento, não há o que discutir a respeito das mulheres que receberam o anúncio tanto do nascimento quanto da ressurreição de Jesus em primeira mão (Lc 1.26-31; 24.1-10). Desde o ministério de Jesus na Galiléia, mulheres contemplativas seguiram nosso Senhor e o ampararam (Mc 15.41; Lc 8.2-3). É importante notar que essas mulheres permaneceram fiéis a Cristo mesmo quando os apóstolos o abandonaram na crucificação (Jo 12.25).

Nas igrejas primitivas, houve muitas mulheres fiéis, algumas das quais foram até mesmo presas por amor à causa de Cristo (At 22.4). Lídia, uma mulher de negócio, desempenhou papel importante na fundação da igreja em Filipos (At 16.14-15). Na casa do diácono Filipe, havia quatro filhas que eram profetizas (At 21.8-9).

Priscila e Áquila eram um casal que auxiliou o jovem e entusiasta pregador, ensinando e instruindo Apolo em como melhor servir a Cristo (At 18.24-26). É fácil entender que, pela revelação divina, o Espírito Santo não deixou uma abertura para opção na ordenação de homem ou de mulher. O elemento masculino foi sempre o escolhido para a função do ministério pastoral. E isto vigorou como princípio no governo das igrejas primitivas, desde o tempo de Cristo até os dias atuais.

No Novo Testamento, não há qualquer diferença entre o homem e a mulher no campo da salvação e na obra redentora. Cristo dignificou tanto a mulher quanto o homem, pois Deus não faz acepção de pessoas. Mesmo considerando isso, os homens, em atitudes machistas, dirigiram seu foco visando o ministério pastoral exclusivamente para eles.

A ordenação das mulheres no ministério pastoral ainda não tomou uma proporção maior devido ao machismo de muitos líderes, que se sentem ameaçados pela desenvoltura e pelo carisma que a mulher tem. Essas atitudes mesquinhas não impediram as mulheres de fazerem cumprir seu chamado vocacional.

No tempo do Novo Testamento, havia a necessidade de os pastores estarem preparando líderes para compor a ceara que era e é muito grande, mas os ceifeiros compromissados são poucos, havendo mesmo a exortação da parte de Jesus para que fizessem disso motivo de oração, a fim de que o Senhor enviasse obreiros para a sua ceara. Devemos ser sempre gratos a Deus pelos serviços das mulheres nas Escrituras, através da história e até o presente momento. Devemos continuar respeitando e honrando as mulheres que têm coragem de desempenhar os dons que lhes foram outorgados por Deus.

CONCLUSÃO

Minha intenção ao iniciar esta pesquisa era oferecer não apenas arquétipos bíblicos, mas mostrar um Deus democrático, inclusivo, igualitário e sociável, disposto a dar credibilidade não só ao homem, também à mulher. Para isso, busquei ferramentas metodológicas e embasamento nas leituras e pesquisas de ordem bíblico-teológicas, buscando sempre superar as tensões entre os questionamentos estabelecidos dentro da própria pesquisa, analisando os textos a partir da perspectiva feminista, democrática e inclusiva.

Também busquei métodos de situar o texto, trazendo conceitos de gênero, de vários tipos de violência contra as mulheres, inclusive a violência religiosa no sentido moral, ético e discriminatório, o papel da mulher na Bíblia, na visão do homem e na visão hermenêutico-exegética, a fim de que essa visão nos desse uma aproximação da vida visível das mulheres, através de uma análise da situação socioeconômica, cultural e religiosa.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentei os conceitos segundo alguns teóricos sobre gênero, violência de gênero e feminismo. Esta busca proporcionou-me uma visão geral do processo das relações de gênero que incorporam dimensões, e das diferenças culturais entre o sexo masculino e feminino, ou seja, se o sexo é definido desde o nascimento, o gênero é algo construído através da socialização do indivíduo. Desse modo, Beauvoir estabelece a célebre frase: “não se nasce mulher, mas se torna mulher”. Essas palavras, como citado acima, fazem-nos refletir o sentido das escolhas humanas e a real situação das mulheres, segundo uma análise de gênero diante da sociedade machista.

No segundo capítulo, investiguei sobre a mulher dentro da religião e da simbologia religiosa. A religião, com seus discursos e simbolismos, faz-se nas representações sociais. O sagrado e o profano foram construídos e hierarquizados de acordo com a relação de gênero: sagrado quando se trata da figura masculina; profano quando se trata da figura feminina. A decisão de investigar os sentidos do simbolismo foi motivada pela convivência da mulher no contexto secular de dominação e de marginalização. Mulher essa que vem conquistando seu espaço na sociedade e na *ecclesia*.

No terceiro capítulo, procurei trabalhar a legitimação da mulher e seu reconhecimento pelas instituições eclesiais, amparada pelas leis constitucionais, direitos humanos e pelo próprio discurso bíblico-teológico, onde é abordada a experiência da mulher com Deus, a mulher e o ministério feminino, a mulher no Antigo e Novo Testamento, mulheres conquistando a liberdade de assumir seus lugares na Igreja sem que sejam discriminadas por serem mulheres.

Quando examinamos as Sagradas Escrituras, podemos observar a grandeza de um Deus de igualdades, superações e misericórdias. Por mais que seja a influência da cultura judaica, Deus sempre destaca o posicionamento das mulheres e os desafios que elas têm enfrentado, negando a si mesmo e juntos com todos seguindo a Jesus, porque quando Jesus manda negar-se a si e segui-lo, ele está falando para todos e todas, embora o homem detentor do poder tenha tentado manipular o desejo de Deus para com as mulheres na atuação do sacerdócio. Porém, Deus nos deixou, por escrito, a atuação de várias mulheres, as mais diversas possíveis:

Governadora do mundo (Gn 1.26-31);
 Mãe de uma nação tão numerosa quanto são os grãos de areia (Gn 12);
 Mulheres em busca de justiça e dignidade (Nm 25);
 Mulheres que enganaram o todo-poderoso Faraó do Egito, por meio de ações políticas planejadas (as parteiras e a mãe de Moisés) (Êx 1.15-22);
 Mulheres guerreiras à frente de um exército (Jz 4.4-24);
 Mulheres comerciantes, ativas no mercado de trabalho (Pv 31; At 16.11-15);
 Mulher do “povão”, que, em estratégia política, engana o poder político vigente e injusto, junto a homens enviados por Deus (Js 2.1-22);
 Mulheres juízas e líderes do povo de Deus (Jz 4; Rm 16.1-16);
 Mulheres que interferiram nas relações de poder entre maridos e líderes de exércitos, livrando da morte muitos/as inocentes (Et 4-5; 1Sm 25);
 Mulheres que amaram mais a Deus do que a opinião da sociedade quanto a elas (Lc 1.26-38);
 Donas de casas ativas e colaboradoras, acolhendo e cuidando dos/as necessitados/as (At 9.36-46);
 Mulheres de fé que buscaram a Cristo, vencendo os limites da raça e do preconceito (Jo 4.1-30; Mt 15.21-28);
 Mulheres profetisas, que foram sustentáculo para a missão (At 21.7-13);
 Mulheres que foram amigas e hospedeiras de Jesus Cristo, ainda que correndo riscos de perseguição (Marta e Maria – Lc 10.38-42);
 Adolescente que anuncia o poder de Deus a um homem poderoso e guerreiro (a escrava de Naamã - 2Rs 5);
 Mulheres poetisas, amantes da natureza e românticas (Débora - Jz 5.1-32; Maria - Lc 1.46-55; Ct;).

Acredito que tantos exemplos deixados na Bíblia e em muitas outras leituras não são em vão. Estas mulheres citadas nos dão força como mulher para continuarmos lutando e fazendo cumprir tudo que o senhor todo poderoso já deixou para toda a humanidade, ou seja, cumprir o IDE do Senhor “IAHWEH” (Mt 28.18-20).

Finalizando, com muito prazer e gratidão, agradeço ao Senhor dos Exércitos por ser mulher e por trabalhar em prol das mulheres que fazem a diferença na Igreja, na sociedade e até nos confins da terra, nunca negando o poder de sermos mulheres guerreiras e vitoriosas neste mundo que nos foi dado por herança por Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- ARNS, Paulo Evaristo. *Mulher: quem és tu? Que procuras?* Aparecida: Santuário, 1990.
- BARSTED, Leila Linhares. A legislação civil sobre família no Brasil. In: V.V.A.A. *As mulheres e os direitos humanos: coletânea traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.
- _____. Lei e realidade social: igualdade x desigualdade. In: V.V.A.A. *As mulheres e os direitos humanos: coletânea traduzindo a legislação com a perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.
- BERENICE Maria Dias. Ainda a violência. In: BAESKE, Sibyla. *Mulheres desafiam as Igrejas Critãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BICALHO, Elizabete. Gênero, violência e religião. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, ano VII, n. 7-8. 1994.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRUHNS, Heloísa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. *Veja*, ago./set. 1994.
- DEIFELT, Wanda. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003.
- DIALLO, apud. Assitan. L'excision en milieu bambara. In: *Sentinelles: les mutilations sexuelles féminines*. Lausanne, 1980. p. 44-41.
- FAGUNDES, Tereza. *Sexualidade e gênero*. [s.l.:s.n.], 2005.
- FIORENZA, Elizabeth S. *Discipulado de iguais: uma ekklesio-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- _____. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GIRARD René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP/Paz e Vida, 1990.

NOVAES, Adauto. *Ética e organização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OSBORN, Daisy W. *Nova vida para a mulher*. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.].

PANKE, Rita Marta. A mulher na Igreja. In. BAESKE, Sibyla. *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

REILY, Duncan Alexander. *Ministério feminino em perspectiva histórica*. 2. ed. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1997.

ROSA, Antonieta. *A mulher cristã e os desafios da liderança*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SCHOTTROFF, Luise. *Exegese feminista: resultados de pesquisa bíblica na perspectiva de mulher*. São Leopoldo: Sinodal/EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SOARES, Bárbara M. *Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOBERAL, José Dimas. *O ministério ordenado das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1989.

TOMITA, Luiza E. A Inquisição e a caça às bruxas: uma página tenebrosa da história das mulheres. In. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, ano VII, n. 7/8, 1994.

VIAU, Sandra Regina. *Guia de direitos para mulheres: a Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/06 e o direito a família*. São Leopoldo: CECA, 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)